



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LORENNASOARES LACERDA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
CAMINHOS E POSSIBILIDADES**

CAJAZEIRAS - PB

2008

LORENNA SOARES LACERDA

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
CAMINHOS E POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadoras: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

Professora Ma. Antônia Lis de Maria Martins Tores.

CAJAZEIRAS - PB

2008



L131o Lacerda, Lorena Soares.
Orientação sexual na escola: caminhos e possibilidades /
Lorena Soares Lacerda.- Cajazeiras, 2008.
64f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Orientação
sexual. 4. Ensino infantil. 5. Ensino fundamental. I. Lima,
Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

LORENNA SOARES LACERDA

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CAMINHOS E
POSSIBILIDADES

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, com habilitação em magistério, na Universidade Federal de Campina Grande-Campus de Cajazeiras, pela seguinte Orientadora:

Maria Janete de Lima

PROF^a. MS. MARIA JANETE DE LIMA

CAJAZEIRAS-PB
2008

EPIGRAFE

“Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.”

(Augusto Cury)

Dedico este trabalho ao meu pai Zildomar Alves Lacerda e a minha mãe Maria de Fátima Soares Lacerda, que me conceberam a vida e trilharam meu caminho com amor, paciência e muita dedicação...vocês sempre serão o sentido do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força e coragem nos momentos mais difíceis para a conquista deste grande sonho.

Aos meus irmãos Marcelo Soares Lacerda e Rodrigo Soares Lacerda, que mesmo distantes me deram amor e fortaleza para a realização desse trabalho.

Ao meu noivo Giesy Lamounier de Oliveira Maciel, pelo companheirismo e apoio incondicional nas horas que mais precisei.

A minha avó Domitila, Edileuza, Ted, Leisse e Loislene pelo apoio familiar.

A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, que possibilitou o espaço para a concretização dessa pesquisa.

A professora Isabel, que me ajudou nas atividades realizadas durante o estágio.

Aos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Cecília Estolano Meireles, que me fizeram refletir enquanto pessoa e profissional da educação.

As minhas colegas do curso de Pedagogia, que me ajudaram nos planejamentos de aulas, em especial a Janicélia e a Ruthy.

A professora Antonia Lis de Maria Martins Torres, pelos ensinamentos acadêmicos que me deram subsídios significantes para o desenvolver dessa pesquisa.

A professora Maria Janete de Lima, pelas idéias relevantes para a conclusão desse trabalho.

A todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa conquista.

RESUMO

O referido trabalho científico objetivou mostrar a relevância do tema transversal "Orientação Sexual" ser discutido e trabalhado na escola, bem como a importância do tema sexualidade ser inserido nas práticas educativas com fins para a formação dos alunos, possibilitando formar cidadãos que reconheça as informações necessárias diante de seus processos vitais e na relação com o meio em que vivem. Enquanto princípios característicos, o trabalho foi estruturado a partir dos seguintes problemas: Como a escola promove um trabalho pedagógico sobre a sexualidade? Que perspectiva a escola possui, para ampliar seus conceitos sobre informações relacionadas à Orientação Sexual?. Sendo assim, as informações presentes no trabalho monográfico, foram subsidiadas por idéias de autores que defendem o tema em questão, enriquecendo melhor a compreensão dos conhecimentos que foram abordados. O presente trabalho foi realizado na Escola de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meirelles, que se localiza na cidade de Cajazeiras, com méritos investigativos a análise dos questionários respondidos pelos professores de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, visando compreender os conhecimentos que estes possuíam a respeito do tema, e como os mesmos aplicavam em suas práticas. Dessa forma, as atividades acerca do tema, foram concretizadas na 4ª série do Ensino Fundamental, com fins de refletir com os alunos a necessidade de informações sobre o tema. Esperamos que este trabalho monográfico possa contribuir para as atividades educacionais, e favorecer a aprendizagem global dos educandos.

Palavras-chave: Sexualidade. Orientação Sexual. Escola. Prática Educativa. Formação dos alunos.

SUMÁRIO

Resumo	
Introdução.....	09
1. Capítulo I - Sexualidade: uma história que a caracteriza.....	12
1.1. Freud, o psicanalista que contribuiu com estudos sobre a sexualidade.....	15
2. Capítulo II - Sexualidade no Âmbito Educacional.....	18
2.1. Educação Sexual.....	21
2.2. Orientação Sexual.....	23
3. Capítulo III – Análise dos dados.....	26
3.1 - Procedimentos Metodológicos.....	26
3.1.1 - Diagnóstico da Escola de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles.....	27
3.2 - Análise do questionário - Ação pedagógica frente ao tema transversal “Orientação Sexual”.....	32
3.3 - Análise do Estágio - Vivenciando trabalhos com Orientação Sexual em sala de aula.....	39
4. Considerações Finais.....	53
5. Referências.....	55
6. Anexos.....	58

INTRODUÇÃO

O homem possui necessidades, comportamentos, modos de pensar e ser no mundo em que vive, formas estas que indagamos o porquê das coisas, como meios de achar soluções concretas para os comportamentos existentes. Neste sentido, entendemos a sexualidade como algo inerente à vida humana, relacionado ao ser homem, seus pensamentos, vontades, comportamentos, que compõem a parte integral da personalidade humana.

Dessa forma, o trabalho com o respectivo tema: “Orientação Sexual na Escola”, tem como fim, esclarecer o porquê desse tema ser fundamental na formação do indivíduo, assim como, a importância de sua inserção nas práticas pedagógicas. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar a importância da Orientação Sexual na prática educativa, como meio favorável e indispensável para a formação dos educandos, tendo como objetivos específicos: compreender as concepções dos professores acerca da Orientação Sexual; observar como o professor em sua prática, possibilita melhores aperfeiçoamentos sobre o tema abordado e por último identificar as principais necessidades dos alunos com relação ao tema.

Enquanto envolvimento pessoal, escolhi este tema a princípio, pela curiosidade de saber como a escola se preocupa com a formação do alunado em aspectos gerais, proporcionando também conhecimentos específicos sobre a sexualidade, preparando e orientando crianças e jovens para lidarem com as manifestações do corpo de uma forma mais saudável.

Consideramos ainda, que o tema proposto ainda é restrito em alguns padrões sociais, que não assumem devido seus valores morais, exibindo o silêncio que acaba reprimindo informações adequadas sobre a sexualidade, no qual esses reflexos são característicos de antepassados históricos marcados por idéias repressivas.

No entanto, reconhecemos que crianças e adolescentes constroem valores morais, sociais e culturais a partir do meio social em que vivem, valores estes que intensificam em suas formações pessoais. Essa construção a princípio, se desenvolve com a educação estabelecida na família, influenciando na formação da personalidade humana, cujas dimensões culturais, afetivas, educativas, repercutem de algum modo nas características construídas acerca da

vivência da sexualidade.

Estas características acabam refletindo na escola e diante dessa realidade, a instituição não deve “fechar os olhos” para as situações presentes no cotidiano escolar. Crianças e adolescentes passam boa parte da vida na escola, por isso a mesma tem que observar seu ambiente, para desenvolver atividades que atendam as necessidades de informações de seus alunos.

A escola enquanto instituição que socializa saberes sistematizados tem que propiciar discussões e reflexões nas práticas pedagógicas, rever propostas curriculares, formular novas questões do trabalho a ser realizado, no qual a Orientação Sexual possibilite um caminho de informação e formação, promovendo uma educação que trabalhe com temas diversificados, formando cidadãos que reconheça as informações necessárias diante das relações sociais, para tomadas de decisões precisas no mundo o qual estão inseridos.

Neste sentido, o papel do educador está em orientar e conduzir conhecimentos necessários, já que crianças e adolescentes estão despertando muito cedo suas curiosidades e desejos devido suas personalidades individuais ou influências do meio.

É sabido que o trabalho com a Orientação Sexual na Escola, deverá considerar a faixa etária do aluno, proporcionando equilíbrio de informações acessíveis ao seu nível, cujo trabalho antes de tudo, deverá estabelecer respeito um com o outro (professor/ aluno) no processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, a presente pesquisa tem como principal preocupação, possibilitar a importância da abordagem desse tema na formação dos alunos, levando os educandos a refletirem sobre o modo como lidam com a questão da Sexualidade.

Por isso o respectivo estudo norteou-se a partir das seguintes questões:

- Como a escola, promove um trabalho pedagógico sobre a sexualidade?
- Que perspectiva a escola possui, para ampliar seus conceitos sobre informações relacionadas à Orientação Sexual?

Desse modo, a presente pesquisa: "Orientação Sexual na Escola: caminhos e possibilidades" foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, que se localiza na cidade de Cajazeiras - PB, desenvolvido na específica 4ª série do Ensino Fundamental, turno manhã, em benefício da realização de atividades, a fim de concretizar idéias que busquem um trabalho de motivação e resultados propícios, com fins desse projeto.

O trabalho científico está estruturado em 4 capítulos, no qual o primeiro evidencia a história da sexualidade e as repressões imposta pelo poder da sociedade burguesa amparadas nas idéias de Foucault e em outros autores, enfatizando também os estudos de Freud com a psicanálise, que contribuiu para compreensão da sexualidade humana.

O segundo capítulo caracteriza como a sexualidade está presente no Âmbito Educacional e a importância desse trabalho ser efetivado na escola, distinguindo também a diferença entre Educação Sexual e Orientação Sexual.

O terceiro capítulo retrata a análise dos dados, que procedeu a metodologia da pesquisa e o diagnóstico da escola onde ocorreu à pesquisa, em que análise dos professores foi coletada pelo instrumento de trabalho o questionário, que foi respondido pelos educadores de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental na referida escola, fazendo um intercâmbio com as idéias dos autores. Ainda neste capítulo realizou-se análise do estágio, que propiciou subsídios práticos para a compreensão do trabalho monográfico, fundamentados com as idéias dos teóricos que pesquisaram e contribuíram para estudos característicos da sexualidade.

Em seguida, algumas considerações relativas ao estudo realizado com tema, e por último às referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento do trabalho monográfico. Assim, esperamos que este trabalho monográfico possa contribuir para as atividades pedagógicas, favorecendo para inserção do tema nas práticas educativas, que se preocupa com aprendizagem global dos educandos.

CAPÍTULO I

1- SEXUALIDADE: UMA HISTÓRIA QUE A CARACTERIZA

Durante muito tempo, a sociedade vem construindo conceitos diversificados a respeito da sexualidade, conceitos estes, que repercutem diferentemente na educação, em nossos valores, em nossa cultura, mantendo modos de falar, expressar-se, adotando padrões de comportamentos como algo certo ou errôneo em nossas vivências sociais.

O homem como sujeito histórico, modifica suas formas de pensar e viver em sociedade, sendo o mesmo, o principal transformador de suas próprias ações, modificando-se, ao longo do tempo.

Na época clássica, no período do século XVII, a discussão sobre a sexualidade foi reprimida. Tal repressão permaneceu por um longo tempo, encontrando-se até hoje alguns resquícios no que se refere à discussão da sexualidade. Essa repressão foi referente ao momento histórico e político da época, em que a sociedade burguesa tinha o poder de impor normas a partir de seus interesses, sendo uma sociedade desigual, formada por classes que atribuíam poderes superiores para oprimir as classes subalternas que existiam na época. Desse modo, a sexualidade era relacionada a modos ilegítimos, relativo a coisas fúteis, mantendo assim a repressão. Foucault afirma em linhas gerais:

“(...) desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar.” (1988, p.14)

Conforme Araújo (2001), Foucault foi um grande pesquisador, capaz de observar e analisar criticamente em seus estudos diferenciados, entre eles a psiquiatria, a medicina, conhecimento científico, sexualidade, entre outros. Um de seus estudos foi sobre a história da sexualidade no percurso histórico e filosófico, onde o autor descreveu a forma como era discutida a sexualidade, numa época de repressões imposta pelo poder da sociedade burguesa.

As relações de poder que Foucault referia, eram práticas que funcionavam para maquinar toda a estrutura social, desenvolvida por estratégias por quem exercia o poder. Costa afirma que:

“Não existe o poder em si, mas sim, práticas ou relações de poder. Ele é algo que se exerce, efetua e funciona como uma espécie de maquinaria que alcança toda a estrutura social. Caracteriza-se por ser onipresente: o poder está em toda parte. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.” (2001, p.143)

Este mecanismo de poder influenciava a forma como era discutida a sexualidade, sendo permitido apenas aos casais legítimos as quais tinham a função de procriar (reproduzir), em que os casais mantinham certas normas para deter verdades a seus filhos, sendo proibido falar sobre questões que envolvessem a sexualidade e em especial o ato sexual, devido as crianças serem vistas como pessoas “sem sexo”, impondo assim o silêncio a certos modos de vivências.

Antes da reforma religiosa e moral do século XVII que reprimiu a discussão sobre a sexualidade as crianças, elas eram tratadas de forma alheias e indiferentes à sexualidade. De acordo com Ariès (1981), nos últimos anos do século XVI e início do século XVII as famílias possuíam a prática de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos, e esses comportamentos faziam parte dos costumes da época.

Foucault (1988) afirma que, na Contra-Reforma, a pastoral cristã viabilizava exercícios de confissões anuais, que serviam de penitência tradicional para que as pessoas confessassem seus desejos e pensamentos inerentes às manifestações sexuais, tidos como “pecados” cometidos, no qual a confissão servia para examinar as ações sexuais individuais, revelando através do discurso, o pecado do corpo e da alma, em que as pessoas acreditavam no sacramento da confissão e na absorção dos seus pecados. Essa prática social ou exercício, “agenciavam” uma sexualidade reprimida.

Ao longo do século XVIII, a sexualidade passa a ser uma questão a ser analisada, sendo pensada a partir da necessidade de indivíduo. Ainda assim, permaneceu ligada a relação de poder, sendo alvo de intervenções, apresentando-se através de regulamentação nos comportamentos dos casais em termos políticos e econômicos (controle da procriação).

Apenas aos casais heterossexuais e legítimos era permitido expressarem suas sexualidades e vivenciarem as relações sexuais, com regras a serem cumpridas, estabelecidas pelo poder da classe burguesa. Assim, os comportamentos considerados errôneos (ações contra as normas estabelecidas pela sociedade) eram condenados, seguindo a idéia de Foucault (1988) quando ele diz que as proibições eram de naturezas jurídicas. Do mesmo modo, as pessoas que possuíssem características obstinadas ao sexo oposto eram discriminadas, tratadas como pessoas criminosas, excluídas do meio social de forma desigual e pecadora, como também era considerado anormal o exercício da masturbação.

O ambiente escolar também era lugar de reprimir a discussão a respeito da sexualidade, no qual havia disciplinamento dos corpos, em que a escola era um ambiente destinado a uma prática pedagógica repressiva, que não fugia dos fluxos do poder imposta pela sociedade. A instituição educacional era a “agência” que modelava, padronizava corpos e ações através de vigilância e punições, sendo um campo de batalha contra a sexualidade de crianças e adolescentes. Segundo Júnior (2001, p.116) “Pensar sobre as ferramentas disciplinares atuantes na escola é pensar, também, sobre o disciplinamento dos pensares, sentires e fazeres sexuais, dentro e fora dos referidos estabelecimentos.”

De acordo com Lustosa, Loiola e Andrade (2001), no decorrer do século XVIII, escolas, hospitais, presídios e outras instituições vinculadas à sociedade, possuíam novos elementos de controle do corpo, através de técnicas de modelar, treinar e manipular as pessoas. Eram espaços que estabeleciam ritmos a serem cumpridos pelas pessoas que freqüentavam, no qual a disciplina era adotada como meio de garantir organização, como forma de manter o ambiente e necessariamente as pessoas sob controle.

Por três séculos decorrentes, as ações sexuais se definiam ao “pecado”, coisa perigosa de ser pensado e discutido. As restrições mantidas pelo poder burocrático caracterizavam a economia do discurso, mas com o passar do tempo, as inquietações sobre as manifestações sexuais foram tornado-se mais presentes.

Conforme Foucault (1988), no decorrer do século XIX, as questões relacionados à sexualidade entre elas o sexo, passaram a ser constituído como objeto de verdade específica da natureza humana, através de técnicas e discurso científico, definida por processos

patológicos e esquemas científicos. O autor ressalta ainda, que a medicina no seu campo racional passou a estudar os comportamentos humanos (relacionado à sexualidade), em que a partir da ampliação das pesquisas científicas as concepções sobre os comportamentos humanos foram repensadas. Estudo como a psicanálise, contribuiu muito para este campo de estudos, no qual as proibições passavam a ser um discurso mais intensivo, devido a crescente inquietação do saber mais, a partir de novos estudos.

Ao longo do século XX, tivemos uma maior “liberdade” para falar sobre a sexualidade, não possuindo tantas proibições quanto nos séculos passados. As formas de referir aos fatos sexuais eram mais tolerantes. Foi um século que deu início aos estudos da ginecologia, pediatria e psicologia marcada por novas fontes de estudos em benefício da saúde humana.

Sendo assim, a história da sexualidade sempre foi marcada por inúmeras repressões, mas que, com o tempo vieram estudos, pesquisas, que contribuíram para melhores entendimentos sobre a sexualidade, entre eles os estudos de Freud que iremos abordar no próximo tópico.

1.1 - FREUD, O PSICANALISTA QUE CONTRIBUIU COM ESTUDOS SOBRE A SEXUALIDADE

Diante dessa repressão do passado referente à época clássica que reprimia qualquer característica referente à sexualidade, comportamentos tidos como “errôneos” existiam na época, mesmo sendo contra as normas impostas pela sociedade, até porque o poder dominante não podia intervir nos desejos inconscientes das pessoas. Dessa forma, características do inconsciente sempre estiveram presentes na personalidade humana, em que a natureza pessoal esconde formas de sentimentos, que com o tempo pode ser despertado no consciente.

De acordo com Bock (2004), Freud foi um médico vienense que alterou o modo de entender as relações psíquicas, investigando os processos internos da personalidade humana, como: sonhos, fantasias, esquecimentos, entre outros. Nesse sentido, a psicanálise é a base para novos entendimentos do funcionamento da vida psíquica, buscando significado através das palavras, comportamentos, produções imaginárias, servindo para análise e compreensão dos fenômenos acontecidos.

A estrutura e o funcionamento da personalidade humana são definidos em três camadas psíquicas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. De acordo com Bock (2004), o inconsciente são os conteúdos reprimidos, que não atua no campo da consciência, já o pré-consciente são conteúdos acessíveis ao consciente, e o consciente é o aparelho psíquico que recebe as informações, tendo como fenômenos: atenção, percepção, raciocínio. Dessa forma, o inconsciente seria a parte da personalidade, causadora de determinados comportamentos humanos, permitindo compreender os princípios característicos do indivíduo.

De acordo com Guimarães (1995), no final do século XIX e começo do XX, Freud contribuiu em seus estudos, uma nova teoria sobre a sexualidade (através do método psicanalítico), no qual defendia que o homem tem como uma motivação básica a energia sexual, chamado de libido, que seria a energia de busca prazerosa e as ligações afetivas, vinculados à vida.

Sendo assim, o desenvolvimento dessas energias caracterizada pela autora, estariam apresentados em cinco fases: oral, anal, fálica, latência e genital, que determinavam o comportamento e expressões humanas. Seguindo a idéia de Nunes e Silva (2000, p. 85): “Freud produz uma forma de análise que define as diversas fases de cristalização e difusão da “libido”, energia psíquica e corporal vital primária, origem de todas as etapas posteriores do desenvolvimento psicosexual.”

Outro estudo evidenciado na teoria Freudiana foi o reconhecimento da sexualidade infantil, que até então era desconhecida, considerando a criança como ser sexual que possui de forma natural, atos e efeitos sexuais. Para o teórico psicanalista, a criança nascia com efeitos sexuais que iam desenvolvendo de acordo com a fase que a criança se encontrava. Nessa perspectiva, dependendo do modo como às manifestações sexuais infantis eram tratados pelos pais, favorecia ou não a formação da personalidade da criança, cuja sexualidade infantil, estaria ligada na sexualidade adulta, sendo um processo contínuo e conseqüente.

A psicanálise favoreceu uma melhor compreensão e entendimento no campo da sexualidade, contribuindo para desmistificação das concepções clássicas com relação aos conceitos sexuais que possuíam na época repressiva, em que as pesquisas e estudos clínicos da psicanálise, concretizaram a realidade a respeito do assunto sexual.

Vale salientar que, a sexualidade possui um amplo campo de estudos e conhecimentos, sendo compreendida enquanto processo complexo, não sendo associados à idéia de reprodução, envolve também relações de gênero, orientação sexual, educação sexual, identidade sexual, sentimentos, entre outros, ligados a fontes de prazer. Como afirma Meire (2002, p. 13) “O termo sexualidade é bastante amplo, envolve vários fatores da personalidade, do comportamento e do sentimento humano.”

É importante ressaltar que a função sexual do ser humano se dá a princípio desde o nascimento até a fase adulta, sendo um processo contínuo, influenciados também pelas características do meio externo, no qual cada pessoa constrói de forma particular em suas vidas. E que, conceituar sexualidade, não é apenas se limitar ao discurso do sexo. Sexo e sexualidade estão comumente interligados, pois sexualidade não está apenas relacionada às características do sexo, mas também a outras circunstâncias como: afetivas, culturais, sociais, educacionais, constituindo uma sexualidade socialmente diferenciada.

É sabido, que as raízes antepassadas refletem diretamente no presente, no qual o passado de repressões mantido no seu juízo de valor, ainda reflete em alguns comportamentos no meio social. Não se pode descrever a sexualidade como algo contra as normas da autoridade, deve descrevê-la como princípios da humanidade. Dessa forma, vivemos numa sociedade de transformações, que exige modos de pensar e conhecer, sendo necessário e fundamental possuir informações para viver numa sociedade que exige a cada momento, no qual os fluxos de informações crescem gradativamente.

Sendo assim, é tarefa da sociedade preocupar-se com essas questões, garantindo uma Educação Sexual de qualidade, que possa ser viabilizada pelas instituições escolares. Reconhecemos também, que a educação promovida pelas instituições, deve abrir mão do preconceito, para que crianças e adolescentes não sejam vítimas de um regime de discriminações, que o discurso sobre a sexualidade possa ser mais reconhecido como importante e essencial para a vida das pessoas.

Nessa perspectiva, indagamos na seguinte forma: Já que a sexualidade é um tema de grande relevância social, como essa discussão foi incluída no âmbito educacional? Tal questão será abordada o capítulo que segue.

CAPÍTULO II

2- SEXUALIDADE NO ÂMBITO EDUCACIONAL

“Não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes que se inscreve a sexualidade no espaço escolar; ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles.” (PCN’s 2001, p.113).

Características relacionadas à sexualidade sempre estiveram presentes no âmbito educacional, mesmo possuindo ou não a inserção do tema sexualidade em seus trabalhos pedagógicos. Estas características relativas à sexualidade estão freqüentes nos comportamentos dos alunos, que acabam refletindo de alguma forma no espaço escolar, vindos de influências e vivências contidas no meio social o qual estão inseridas.

Entretanto, a maioria das instituições escolares se nega a discutir sobre sexualidade em seu espaço, devido o próprio preconceito ou até mesmo pela dificuldade que a escola possui de lidar com o assunto, em que, impor e reprimir é mais fácil do que encarar a relevância do tema para o contexto escolar e para a formação de seus alunos, e que muitas vezes, escola e sexualidade são interpretadas pelas pessoas como dimensões distintas e separadas.

O que ocorre é que, grande parte das instituições escolares interpretam os conteúdos de Biologia e Ciências como suficientes para abordagem e discussão sobre a sexualidade, limitando-se apenas as questões relacionadas às partes do corpo e a reprodução humana, não possibilitando um campo mais amplo de conhecimento acerca do tema em questão.

No entanto, entendemos que a escola tem a responsabilidade de promover um espaço que possa discutir sexualidade, criando oportunidades favoráveis para que crianças e adolescentes elaborem conhecimentos, ajudando-os em suas ansiedades e curiosidades sobre o tema.

Incluir o tema sexualidade no âmbito educacional, foi por muito tempo motivo de preocupação nos trabalhos pedagógicos, independentemente da prática ou concepção que iria

adotar. Conforme as propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's- (2001), nos currículos escolares, tem se intensificado a discussão sobre a sexualidade desde a década de 70, e que na década de 80, a preocupação foi ainda maior, devido alguns problemas apresentados, como: gravidez indesejada, contaminação da AIDS entre os jovens, em que a princípio acreditava que os pais rejeitaram a discussão da sexualidade, mas atualmente acham necessária a Orientação Sexual nas Escolas.

Dessa forma, o trabalho com o tema sexualidade no ambiente educacional é de suma importância para a formação dos alunos, só que essa responsabilidade a princípio deverá ser promovida pela família, cabendo a instituição escolar respeitar os costumes e valores vindos da mesma. Martinez (2003, p.41) afirma que: “A escola colabora, informa, orienta e ajuda nessa formação integral, mas em nenhum momento substitui os valores trabalhados em casa”.

Contudo, a família é o alicerce que construirá a formação da natureza humana, cuja estrutura familiar é quem dará embasamento para o desenvolvimento da personalidade de seus filhos, através da convivência e da educação, seguindo seus valores e princípios morais. Deste então, o campo educacional serviria para complementar a educação adquirida pela família.

Diante dessa realidade, a importância de trabalhar sexualidade no campo educacional, não é apenas discutir as dificuldades históricas (repressão, preconceito), e sim permitir um espaço para melhores informações, onde as crianças e os jovens possam esclarecer dúvidas, levantar questionamentos, dar suas opiniões sobre algo a ser discutido, identificando assim, a escola como um lugar que acolhe discussões e que possibilita melhores informações a respeito do tema sexualidade.

Entretanto, a implementação de um trabalho direcionado a questão sexualidade no âmbito educacional, requer a integração tanto dos funcionários presentes na instituição, quanto a participação dos pais para realização do trabalho a ser desenvolvido. Conforme Guimarães (1995), os alunos de uma forma geral, não vêem a princípio, a instituição escolar e os professores como educadores sexuais. Essa prática dos alunos se torna mais freqüente, quando a instituição não possui o costume de trabalhar ou viabilizar programas que motivem a discussão sobre a sexualidade no seu espaço.

Devido ao preconceito ou a dificuldade de trabalhar com o tema sexualidade, as instituições educacionais muitas vezes se sentem “desobrigadas” a assumirem posições em seus trabalhos, a respeito do tema, interpretando que o papel de educar sexualmente os alunos/filhos seja único e exclusivo da família.

A escola no seu dia-a-dia, vivência manifestações relacionada à sexualidade. Conforme Louro (1998), a escola é um espaço sexualizado e generificado, que constitui identidades de gênero e sexuais, incluídos no seu meio, seja no espaço, nas práticas, nas normas que devem ser cumpridas, nos comportamentos, nas maneiras de expressar e relacionar com as pessoas, atribuídos de forma caracterizada por concepções de masculinidade e feminilidade.

Sabemos que, tratar de sexualidade no contexto escolar é preciso também discutir sobre as relações de gênero, que são características típicas do comportamento do homem e da mulher como estão representados socialmente e culturalmente.

Suplicy (2000) ressalta que, a base da constatação de gêneros não é considerada apenas pelas diferenças biológicas do sexo, é preciso considerar suas construções históricas e sociais. As identidades de gêneros são construídas socialmente, representadas por grupos masculinos e femininos que vivem em sociedade, em suas distintas maneiras de viver no meio social.

Discutir sobre relação de gênero, é refletir sobre a desigualdade e o preconceito que é caracterizado pelo poder que o homem tem, historicamente, exercido sobre a mulher. A priori a reflexão contribuirá em parte para amenizar as desigualdades de gênero, cujas discussões persistem mesmo com as grandes transformações de costumes e valores entre homens e mulheres.

É fundamental que o campo educacional trabalhe com conceitos amplos de relações de gênero, com crianças e adolescentes mostrando a forma de ser homem e ser mulher, tendo como objetivo combater relações autoritárias, questionando os padrões de condutas de ambos os sexos. Seguindo a idéia de Suplicy:

“O aspecto mais importante da discussão sobre as relações de gênero é que ela possibilita às pessoas se descobrirem como sujeitos de suas vidas, a partir da idéia de que, ao mesmo tempo em que são socialmente determinadas, sua ação no mundo também interfere nesse mesmo contexto social.” (2000, p.61)

Nesta consonância, é necessário que a instituição escolar possa ajudar na formação da identidade de seus alunos, sabendo que sexualidade é um fator importante na construção de suas identidades que estão sempre em constantes transformações.

É entre essas e outras questões, que a escola deverá inserir a abordagem da sexualidade em seu campo de estudos. Nossas crianças e jovens recebem cotidianamente informações relacionadas à sexualidade, seja através de conversas de amigos, meios de comunicação, jornais, revistas, internet, entre outros, em que muitas vezes são informações fragmentadas, que crianças e jovens acabam desenvolvendo conceitos errôneos diante de suas vidas a respeito do tema.

Diante dessa realidade, da importância do trabalho com o respectivo tema ser realizado no ambiente escolar, podemos caracterizar a distinção do que seja o trabalho com Educação Sexual e Orientação Sexual, devido estarem envolvidas em questões que favoreçam a realização de um trabalho no âmbito educacional, de modo que viabilize conhecimentos que estão ligados à respectiva área.

2.1- EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual na instituição escolar sempre foi objeto de polêmica nos trabalhos educacionais. Por muito tempo, essa educação específica era distante das práticas curriculares, devido à cultura conservadora que existiam nas escolas, de não adotar esse trabalho em suas práticas pedagógicas. Segundo Sayão (1997, p. 107). “No período pós-guerra, ainda na França, retomaram-se os estudos e propostas para a introdução da educação sexual nas escolas, e, em 1973, decidiu-se oficialmente inseri-la nos currículos das escolas.” Segundo o autor, o Brasil foi influenciado pelas idéias européias, surgindo assim às primeiras maneiras de perpetuar o trabalho de Educação Sexual nas escolas brasileiras.

Conforme Egypto (2003, p.13) “Sempre fomos educados sexualmente, ainda que não pareça”. Vivemos num mundo que apesar das omissões presentes sobre a sexualidade, informações são constantes, principalmente por meios informais. O meio que estamos inseridos emite valores diferentes, estando freqüentes em nossas vidas, mesmo que não percebemos, somos educados sexualmente.

Seguindo a concepção de Suplicy (2000), a Educação Sexual é um aprendizado informal, através das influências da educação dos pais, da mídia e dos grupos sociais. Neste sentido, a aprendizagem informal inicia-se a partir do nascimento, e desenvolve no decorrer da vida.

Completando essa idéia, para Pinto (1999), a Educação Sexual se dá no contato da família com a sociedade, influenciando nas vidas sexuais dos indivíduos, fornecendo um referencial para suas sexualidades.

Nessa perspectiva, devido a Educação Sexual ser determinada por meios informais, é que a instituição educacional pode tomar como referência para as atividades a serem desenvolvidas em Educação Sexual no seu contexto escolar.

Para Guimarães (1995), é importante o trabalho com a Educação Sexual a ser realizado na escola, sendo que a bagagem informal servirá como início para pensar no trabalho, em que a família deverá participar das discussões e os conteúdos escolares deverão partir das vivências reais da comunidade. Sendo assim, é um trabalho que requer sistematização das atividades a serem desenvolvidos no espaço escolar, com o apoio da família, adequando-se a realidade que vivenciam. Como afirma Oliveira:

“A definição prévia dos conteúdos que organizarão a prática deverá sempre ser flexível (...). Considerando que os conteúdos ligados à sexualidade têm a ver com a vivência do indivíduo no meio social ao qual pertence, não é possível listar previamente todos as informações pertinentes à sua educação sexual.” (1998, p. 104)

A escola enquanto instituição formal desempenha um importante papel na transmissão informal de conhecimentos relacionados à sexualidade. Estes conhecimentos internalizam nos comportamentos dos alunos, influenciando em suas atividades sexuais. É importante também ressaltar, a importância do professor se preparar para a concretização desse trabalho ser realizado.

Sabemos que as características sexuais fazem parte da nossa vida. Sendo assim, possibilitar espaços e ambientes educativos que envolva Educação Sexual é proporcionar oportunidades de informação aos educandos. Nunes e Silva (2000, p.106) dizem que: “Toda educação sexual implica uma reeducação da própria sexualidade.”. A criança ou o jovem reeduca seus

conhecimentos relativos à sexualidade a partir do momento que eles recebem outras informações, reestruturando seus conceitos que até então não possuíam.

Sendo assim, a instituição tem que reconhecer a relevância do tema e favorecer para os trabalhos a serem efetivados, abrindo caminhos para discussões, possibilitando um espaço para que ocorra Orientação Sexual.

2.2- ORIENTAÇÃO SEXUAL

O tema sexualidade, é um dos temas proposto nos currículos escolares, de valor formativo, objetivando esclarecer e dar maior profundidade ao trabalho ser realizado nas práticas dos professores, transformando o tema sexualidade como princípios sociais da vida de seus alunos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a abordagem do tema sexualidade está expresso como "Orientação Sexual" enquanto tema transversal. O documento propõe sugestões de conteúdos, metodologias, idéias que possam favorecer as práticas educacionais envolvidos em exercer a cidadania, os direitos humanos e a consciência ética nos exercícios pedagógicos.

As idéias presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) estão propostas para sugerir e criar condições favoráveis para os professores desenvolverem de forma sistemática o trabalho com Orientação Sexual em sala de aula. Nunes e Silva diz que:

"No texto referente à sexualidade dos parâmetros curriculares encontramos uma listagem com sugestões de temas/contéúdos a serem trabalhados com os alunos do Ensino Fundamental. Juntamente com sugestões de conteúdo aparecem os objetivos básicos para a "Orientação Sexual", que buscam assegurar a longo prazo uma vivência tranqüila e significativa da sexualidade, de maneira prazerosa e eticamente responsável." (2000, p. 6)

É sabido que muitos professores não sabem orientar sexualmente seus alunos e acabam evitando a discussão em sala de aula, não utilizando o tema sexualidade em suas atividades didático-pedagógicas.

Inserir nos trabalhos escolares a discussão da sexualidade é promover um trabalho árduo e de qualidade, cabendo aos profissionais da educação uma capacitação específica, para o trabalho com Orientação Sexual.

Nesse sentido, Martinez (2003) afirma que trabalhar com Orientação Sexual é organizar um espaço que forneça informações, reflexões e questionamentos sobre a sexualidade, enfocando suas dimensões de conhecimentos.

Sendo assim, compete ao educador orientar e conduzir seus alunos ao caminho do conhecimento, para isso ele terá que ter consciência na forma que será tratado o tema, não transmitindo seus valores, crenças e opiniões. A postura do educador é essencial para o trabalho a ser realizado. Como afirma os PCN's:

“Não se pode exigir do professor uma isenção absoluta no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas a consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva em relação à sexualidade é um elemento importante para que desenvolva uma postura ética na sua atuação junto dos alunos.” (2001, p.123)

É importante o professor ter atitudes positivas com relação ao trabalho com Orientação Sexual. Entretanto, é preciso que o orientador esteja preparado para lidar com atividades a serem desenvolvidas. Esse trabalho tem como característica, o contato direto com o aluno, cujo professor deverá estar atento aos comportamentos existentes, orientando seus alunos nas horas precisas.

Nesse aspecto, professores e alunos construirão conhecimentos, sendo essencial o papel do educador nesse processo. Diante dessa idéia, todos os professores independentes da disciplina a qual ensina, devem estar preparados para orientar sexualmente seus alunos, não apenas deixando esse papel para os professores que ensinam Ciências e Biologia o que comumente acontece.

O trabalho com Orientação Sexual, deverá ser construído a partir dos comportamentos, questões, dúvidas levantadas pelos alunos. Esse trabalho deverá respeitar o processo de amadurecimento dos alunos em seus comportamentos sexuais.

Desta forma, a escola deverá promover projetos que possa caracterizar trabalhos com Orientação Sexual em sala de aula, sendo que, a participação de todos os funcionários da escola, através de planejamento, levantamentos de informações acessíveis, grupos específicos de professores para estudos, mobilização de outras disciplinas a participarem nesse processo de estudos para a inserção do tema sexualidade nas práticas pedagógicas, são indispensáveis para o sucesso do trabalho a ser realizado.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

3.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa científica objetivou analisar a importância do trabalho com Orientação Sexual na escola para a formação dos alunos, contribuindo com respostas significativas para os educandos, a partir de atividades que viabilizassem conhecimentos sobre o tema sexualidade. A pesquisa constitui-se de um caráter exploratória e explicativa, objetivando esclarecer idéias que oferecessem uma visão de aproximação sobre o tema, explicando e identificando a importância da Orientação Sexual ser efetivada tanto na prática educativa, como para os conhecimentos dos alunos.

Assim, o presente estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, localizado na cidade de Cajazeiras, estado Paraíba, tendo como trabalho realizado na específica 4ª série do Ensino Fundamental do turno manhã. A escolha desse público justifica-se devido à turma possuir um nível que atendeu as perspectivas da pesquisa, entre elas a idade aos quais os alunos se encontravam, como também melhores entendimentos que eles possuíam a respeito tema sexualidade.

Utilizamos o questionário enquanto instrumento facilitador para coleta de dados, com fins para obtenção de resultados desejados para a pesquisa. O procedimento utilizado para coleta de dados teve caráter quanti-qualitativo, possibilitando tanto a quantidade dos dados coletados através dos questionários respondidos pelos professores, como a interpretação de seus significados. Conforme Minayo (1998, p.22): “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo a dicotomia.”

O questionário foi estruturado a partir de 10 questões, sendo 4 subjetivas e 6 objetivas, direcionadas aos professores de 1ª a 4ª série no Ensino Fundamental da respectiva escola citada, com intuito de coletar informações precisas, para posterior realização das análises dos dados, estabelecendo um paralelo com as idéias dos autores.

As questões abordadas no questionário, foram perguntas de interesse da pesquisa, que questionavam como os professores entendiam sobre Orientação Sexual, se possuíam uma

formação adequada para esse trabalho, quais eram as dificuldades encontradas para desenvolver atividades a respeito do tema, se a instituição ao qual trabalhavam tinham perspectivas de trabalhos, os momentos que eram trabalhados Orientação Sexual, o que os impediam para realização de atividades relacionada à sexualidade, se os alunos possuíam vontade de discutir sobre o assunto, se os pais mostravam interesse com relação ao tema a ser abordado na escola, as atividades que eram trabalhadas pelos professores, como o professor contribuía para o trabalho com Orientação Sexual ser efetivado no seu ambiente escolar.

Vale salientar que todas as perguntas e respostas foram de extremo interesse para análise da pesquisa, identificando a realidade que a escola e os professores possuíam a respeito do tema transversal.

3.1.1 - DIAGNÓSTICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL CECÍLIA ESTOLANO MEIRELES

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles, está situada à Rua Raimundo Leite Rolim, sem número, no bairro Casas Populares, na cidade de Cajazeiras no estado da Paraíba, tendo como pontos de referência a Universidade Federal de Campina Grande-Campus de Cajazeiras e a caixa d'água da GAGEPA.

A referida escola, construída no governo de João Agripino, denominava-se antigamente de Grupo Escolar Arsênio Araruna, cuja inauguração se deu em 08 de agosto de 1970 para o conjunto CEHAP com a finalidade de atender aos filhos dos trabalhadores do batalhão que estavam construindo a rodovia. Em meados de 1980, e por indicação da câmara de vereadores e em homenagem a uma professora municipal, passou a chamar-se de Grupo Escolar Cecília Estolano Meireles e em 1998 tornou-se Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cecília Estolano Meireles, até os dias atuais.

A Instituição educacional atende turmas de educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (Fundamental)-EJA. A renda familiar da maioria dos alunos é

de um salário mínimo provindo dos avós aposentados ou quando não, sobrevivem da bolsa família do Governo Federal.

Na devida Instituição, funciona em três turnos: manhã-Educação Infantil e Fundamental I; tarde-Fundamental I e II; e noite-Fundamental II e EJA Fundamental, atendendo a 700 alunos no total.

Atualmente, o quadro de professores é composto por 36 profissionais, cujos são 100% efetivos através de concurso público municipal. Desse quadro, apenas 1 professora não tem curso superior e alguns não trabalham na sua área de habilitação, visto que alguns têm licenciatura em História, Geografia e Letras e ensinam no Ensino Fundamental.

A Escola Cecília Estolano Meireles oferece em parceria com a Secretaria de Educação de Cajazeiras uma formação continuada com 5 horas semanais, de forma que a cada 150 horas, o professor recebe uma progressão funcional com acréscimo de 20% de aumento no salário bruto. O curso é ministrado pela equipe Técnica da Secretária de Educação de Cajazeiras.

Entretanto, como tantas outras Instituições Públicas de Ensino, a referida escola enfrenta problemas de evasão escolar, repetência e indisciplina. A evasão torna-se relevante principalmente no turno noite e é alegado pelo fato dos alunos trabalharem durante o dia e se sentirem indispostos a comparecerem à noite. A questão da indisciplina é marcada pela agressividade de alguns alunos quando quebram carteiras, desorganizam o ambiente escolar, quando sujam as paredes e derramam a merenda por toda a Escola.

A estrutura administrativa é composta por diretores, vice-diretores, coordenadores e pessoal de apoio. A diretora da escola trabalha há 8 anos como professora e 1 como diretora. A sua nomeação se deu por indicação da Secretária de Educação da cidade de Cajazeiras, em que a mesma é Licenciada em Filosofia, atualmente matriculada na especialização de Filosofia da Educação.

A vice-direção é composta por duas professoras concursadas e indicadas para as funções pelo atual prefeito. Ambas são graduadas em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia e Filosofia da Educação. A escola dispõe de uma coordenadora que é efetiva como professora

através de concurso público e promovido para exercer tal função. Coursou Pedagogia e especialista em Psicopedagogia e Metodologia do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Para auxiliar o trabalho administrativo da escola, existem 2 secretárias. As secretárias são concursadas como professoras, sendo graduadas em Letras e Pedagogia.

De acordo com as instalações da escola, espaço físico é bastante amplo, contém 9 salas de aula, 5 banheiro, 1 secretaria, 1 diretoria, 1 cantina, 1 laboratório de informática adquirido através do PROINFO e conta com o apoio dos profissionais do SESC para atender a comunidade local.

Todas as salas de aula têm no mínimo 3 ventiladores somando um total de 29. No laboratório há 20 microcomputadores e 2 impressoras, antenas da GESAC e da TV escola, 1 retro-projetor, 4 mimeógrafos, 1 TV, 1 vídeo, 1 freezer, 1 gela água, 1 geladeira, 1 fogão industrial, 1 bebedouro, 1 fogão quatro bocas, 1 máquina fotográfica e 4 ar condicionados.

O ambiente educacional possui outras organizações. O professor que é graduado em educação física organiza times de vôlei, basquete e futsal. A professora de artes monta grupos de dança com a ajuda de um aluno da terceira série. Duas professoras da escola desenvolvem grupos de teatro.

Em se tratando da estrutura física, o planejamento da escola é realizado mensalmente com duração de quatro horas, e os grupos são distribuídos por série ou disciplina, de modo que é ministrado pela coordenação. A escola não dispõe de PDE.

Não há planos de saúde na instituição, recebe o apoio do PSF local, que regularmente promove palestras sobre saúde bucal, oferecendo também serviço de verificação de pressão arterial, testes de diabetes, classificação sanguínea, dentre outras.

A avaliação é bimestral, com três notas quantitativas incluindo a qualitativa. Depende também da disciplina, por que algumas se dão apenas as duas notas.

As reuniões pedagógicas são bimestrais e acontecem com a presença de todos os professores e equipes administrativas da escola.

Geralmente os pais só comparecem na instituição quando são solicitados, exceto alguns que acompanham intensamente a vida escolar de seus filhos. Quando os pais não comparecem à escola, acontecem visitas às famílias para verificar o que está acontecendo, e conversar sobre o andamento educacional dos filhos.

Atualmente, os projetos existentes na Escola Cecília Estolano Meireles são: Rádio-recreio, Jornada de leitura, Educação Sexual e outros. Todos os projetos contam com a participação de professores, direção geral, alunos, pais e voluntários.

Os temas transversais também são estudados com projetos e recentemente o PROBEX da UFCG vem desenvolvendo um trabalho sobre Orientação Sexual.

Os programas existentes são: PDDE, Bolsa família, amigos da escola, recreação, aulas de reforço, etc.

A recuperação é feita bimestralmente e prevalece a maior nota. A instituição procura sempre trabalhar conteúdos que se fazem presentes na vida do aluno de forma disciplinar. Trabalha com mais variados métodos para que os alunos aprendam.

Em relação à escola e sistemas de apoio, há representantes de pais no Conselho Escolar que atuam ativamente, pastorais da igreja, associações, etc. Segundo a Diretora, a instituição em si tem crescido muito em estrutura física, bem como houve um maior investimento na qualificação dos professores e funcionários. De acordo com a coordenadora, os trabalhos com os projetos “deu uma nova alma”, fazendo com que acontecesse uma integração maior entre docentes, discentes e a comunidade. A mesma afirma que a aprendizagem com o lúdico tornou-se mais significativa para os alunos.

Podemos citar como pontos positivos os projetos, os recursos que adentram a escola que só colaboram para o seu crescimento e para a melhoria da aprendizagem dos alunos. Já um dos pontos negativos é ausência de alguns pais na vida escolar dos filhos, que isso ainda deixa a desejar para a melhoria dos trabalhos a serem efetivados no ambiente educacional.

Diante de todas as considerações abordadas durante este trabalho, observa-se que a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Cecília Estolano Meireles, desenvolve

um bom trabalho e dispõe de meios que propiciem o seu desenvolvimento. Para tanto, tem uma equipe administrativa e pedagógica que se esforça para atingir os objetivos traçados, e conta ainda com pais voluntários que também contribuí para esse sucesso.

3.2 - ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

AÇÃO PEDAGÓGICA FRENTE AO TEMA TRANSVERSAL “ORIENTAÇÃO SEXUAL”

Nesta etapa da pesquisa, analisamos os dados coletados, a partir dos questionários aplicados aos professores de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles.

A sistematização da análise tinha como base a quantidade e os significados das respostas, fornecidas pelos sujeitos citados, considerando o caráter quanti-qualitativa da pesquisa, em que os dados foram analisados, interpretados e fundamentados. Desse modo, a seguinte análise, traz uma descrição analisada das respostas coletadas.

A 1ª pergunta, referia-se o que os professores entendiam sobre Orientação Sexual. Os 4 sujeitos apresentaram respostas diferenciadas, ou seja, conforme seus entendimentos. De acordo com o professor A, ele retratou da seguinte forma: “É uma proposta que considera a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural.” Desta forma, o mesmo afirmou que Orientação Sexual é um trabalho que compreende a sexualidade em dimensões amplas, envolvidas em outras concepções de conhecimentos.

O professor B, não respondeu a pergunta de acordo com o que pedia, sendo perceptível que o mesmo não soube conceituar de acordo com seu ponto de vista, o que seria Orientação Sexual, afirmando apenas a importância desse trabalho nas escolas, conforme a sua resposta: “Orientação Sexual é muito importante, sendo um trabalho que envolva toda a comunidade escolar (corpo docente, discente e família).”

O professor C afirmou que Orientação Sexual é: “Orientar os alunos sobre as diferenças de gênero e como interagem entre si, na relação consigo e com os outros.”. Sendo assim, o respectivo sujeito limitou o trabalho de Orientação Sexual apenas a relação de gênero, não interpretando o respectivo trabalho em outros sentidos e significados, como também não relacionou as outras temáticas que envolvia o tema sexualidade.

Já professor D, conceituou Orientação Sexual enquanto: “Conhecimento formal científico sobre o funcionamento dos órgãos sexuais e suas funções, bem como a própria sexualidade.”

Diante do depoimento do professor, vale ressaltar, que os conteúdos elaborados nos livros também reforçam essa idéia, em que os professores muitas vezes se limitam as idéias existentes nos livros didáticos. Segundo Felipe (1998), os textos dos livros, abordam os aspectos biológico referente à sexualidade, reduz o corpo a mera função reprodutora, entendendo o prazer como idéia secundária.

Conforme a 2ª pergunta direcionada aos sujeitos da pesquisa, questionamos se eles possuíram uma formação acessível para a realização de trabalhos com Orientação Sexual em sala de aula.

Percebemos que os sujeitos C e D tiveram respostas semelhantes. Eles enfatizaram que não possuíram uma formação específica, mas que, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) contribuíram para trabalhos com Orientação Sexual serem efetivados em suas práticas. De acordo com o sujeito C: "... o estudo da problemática foi realizado através dos PCN's em encontros departamentais". Já o sujeito D respondeu em linhas gerais: "Consultei os temas transversais nos PCN's". Sendo assim, observamos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) servem de referência para orientar os professores em suas práticas pedagógicas, inclusive o trabalho com temas transversais.

Já os sujeitos A e B, tiveram afirmações parecidas. O sujeito A, teve a seguinte colocação: "Não, mas nos últimos anos essa proposta vem se ampliando bastante, com formação e palestras.". De acordo com a resposta evidenciada, mesmo o professor não obtendo uma formação específica sobre o tema Orientação Sexual, o mesmo tem a consciência que a proposta existe, e vem crescendo cada vez mais no contexto educacional, com fins para a formação dos professores.

O sujeito B, afirmou que não possuiu uma formação específica sobre esse trabalho, ressaltando: "... na época da minha formação era só conteúdo tradicional". Dessa forma, é importante que os educadores tenham uma preparação sobre o assunto, até porque a sua prática necessita de fundamentação que sustente temáticas implicados sobre sexualidade. Para Sayão (1997, p.115): "O fundamental para a preparação do profissional da educação em orientação sexual é a sua formação em temas afins à sexualidade."

Conforme a 3ª pergunta, referíamos as dificuldades que os sujeitos da pesquisa tinham com relação ao trabalho com o tema sexualidade em seu espaço escolar.

Todos responderam de modos diferenciados, a partir de suas dificuldades enfrentadas em sala de aula. Considerando a resposta do sujeito A, o mesmo retratou: “Sim, Porque a sexualidade é construída no dia-a-dia, e tenho bastante dificuldade de trabalhar em sala”.

O sujeito B relatou que tem dificuldade de trabalhar com o respectivo tema, por causa da idade de seus alunos, conforme a seguinte afirmativa: “São crianças na faixa etária de 7 a 9 anos e não tenho como introduzir.” A partir dessa idéia evidenciada, Felipe (1998, p.122) diz que: “Outros /as temem que, ao se falar de sexo na escola, as crianças sejam despertadas precocemente para o assunto, pois ainda se tem a idéia de que elas devam ser preservadas em sua “ingenuidade”, mesmo que tenham acesso à informação...”

Conforme o sujeito C, afirmou que tinha dificuldade de trabalhar com o tema sexualidade em sala de aula, caracterizado na seguinte resposta: “Sim, devido à consciência dos alunos e o modo como eles conhecem”.

Já o D ressaltou: “Sim, principalmente pela forma de interpretação das crianças e pais”. Nessa perspectiva, seguindo a concepção de Alves e Cortinovi (1998), o homem é determinado pelos meios sociais e culturais, expressando a história, marcada por valores, crenças e sentimentos.

Nessa consonância, podemos dizer que a maioria dos professores muitas vezes possui dificuldades de desenvolver atividades para os alunos que envolva o tema sexualidade, devido à falta de conhecimento, entre outros motivos que impede a concretização do trabalho, como o próprio preconceito, em que a sexualidade ainda é entendida como “ensinar sobre sexo”, assim existindo tabus e restrições por algumas pessoas, entre elas os educadores, os funcionários da escola e os pais dos alunos.

Na 4ª questão, perguntamos à realidade da escola, aos quais os professores exerciam suas profissões, questionando se a instituição possuía perspectivas de trabalhos sobre Orientação Sexual.

Os professores A, B e C, obtiveram as mesmas opiniões sobre a efetivação de trabalhos com Orientação Sexual na instituição, o professor A evidenciou: "... na nossa escola sempre está sendo desenvolvido trabalhos através de alunos estagiários da UFCG e outras entidades...". Sendo assim, é de suma significância a parceria de projetos voluntários com a escola, em que influencia para outros trabalhos serem efetivados, mostrando que é possível, e que geram resultados significativos para aprendizagem dos alunos.

De acordo com o professor B: "Possui trabalhos de Orientação Sexual na escola, viabilizados por projetos da UFCG". E o professor C ressaltou: "... através da colaboração de grupos de pesquisa de universitários que fazem parcerias com a escola". Conforme a realidade de possuir trabalhos que envolva a Orientação Sexual na escola, Segundo Egypto (2003), a escola tem apresentar diferentes visões e discuti valores, no trabalho com orientação sexual.

O professor D contradiz a respostas da A, B e C, o mesmo fez uma crítica com relação aos trabalhos que são sugeridos para a escola, porém não concretizados. Conforme a seguinte resposta: "... os trabalhos nunca são efetivados". De acordo com resposta da professora, depreendemos que o sujeito afirmou que trabalhos existem, porém as idéias não são realizadas de forma intensiva, na efetivação com os alunos e toda a Escola.

A 5ª questão referente à pesquisa, foi perguntada aos professores A, B, C e D, em que momento a Orientação Sexual seria trabalhada em sala de aula.

Segundo suas respostas, a A, C e D, responderam que a questão da Orientação Sexual, só era trabalhada, apenas quando os alunos questionavam sobre assuntos que envolviam a sexualidade. Suplicy (2000, p.16) diz que: "É fundamental que o orientador tenha uma atitude positiva frente à própria sexualidade, que seja capaz de tratar com naturalidade as questões levantadas."

Apenas a B, afirmou que o respectivo trabalho nunca era acontecido, devido a não precisão de abordar esse tema em sua sala de aula. Conforme a idéia apresentada, percebemos que muitos professores ainda possuem a concepção de que o trabalho com o tema sexualidade não possui relevância para aprendizagem dos alunos, assim não efetivando em suas práticas de ensino.

A 6ª questão, perguntava aos sujeitos A, B, C e D, o que mais impedia para não realização do trabalho sobre sexualidade.

De acordo com a opinião do sujeito A, o que mais o impedia, era a falta de formação adequada dos docentes, ou seja, a falta de domínio dos professores sobre as temáticas relacionadas ao tema.

Na opinião do sujeito B, contradiz a resposta do sujeito A, o mesmo afirmou que seria a falta de participação da família, para a realização desse trabalho na escola.

Já os sujeitos C e D, obtiveram as mesmas respostas, disseram que, o que mais impedia, seria a falta de recursos didáticos na instituição, a falta de formação docente, a falta da participação dos pais e envolvimento dos gestores. Segundo Guimarães (1995, p. 17): “Tradicionalmente conservadora, a escola revela alguns pontos evidentes de que não está bem resolvida em relação à inserção da sexualidade em seus trabalhos.”

Referente à 7ª pergunta, questionava aos devidos professores, se eles percebiam em seus alunos vontade de discutir sobre sexualidade.

Segundo os professores A, C e D, tiveram as mesmas opiniões, responderam que percebiam a partir das conversas, brincadeiras e comportamentos que seus alunos possuíam no dia-a-dia na escola. Nessa perspectiva abordada, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's-:

“As manifestações da sexualidade infantil mais freqüente acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com os colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta.” (2001, p. 130)

Apenas o professor B, diante de suas observações feitas no seu contexto em sala de aula, respondeu que nunca percebeu em seus alunos, vontade de discutir sobre informações que envolviam sexualidade.

De acordo com a 8ª pergunta, questionavam sujeitos A, B C e D, se os pais de seus alunos mostravam interesse sobre trabalhos de Orientação Sexual serem concretizados na escola.

Os sujeitos A e B, responderam que os pais dos alunos nunca tinham interesse sobre o respectivo trabalho. Desse modo, percebe-se que a não participação da família ainda deixa a desejar, em que o apoio familiar é imprescindível para o trabalho ser desenvolvido.

Conforme C e D, disseram que o preconceito ainda seria o maior motivo pela falta de interesse dos pais, com relação ao trabalho com Orientação Sexual. Esse preconceito muitas vezes é causado pela falta de conhecimento, seguindo a idéia de Pinto (1999, p.17) “É sabido que o melhor remédio contra o controle é o conhecimento; quando se tenta controlar alguma coisa, é porque não se conhece o suficiente sobre ela”.

Referente à 9ª questão, foi perguntado aos devidos sujeitos, quais as atividades trabalhadas em sala de aula, para trabalho com o devido tema transversal.

Na opinião do sujeito A, o mesmo afirmou que trabalhava com atividades que proporcionava discussões entre os alunos. Segundo Sayão (1997, p. 115): “... é fundamental que o programa de orientação sexual se construa a partir das questões e dúvidas trazidas pelos alunos.”

Os sujeitos B e D, responderam que não trabalhava com nenhuma atividade relativa à Orientação Sexual em sala de aula. Desse modo, esta realidade é a mais freqüente nas práticas pedagógicas dos professores, não havendo o trabalho com Orientação Sexual em sua sala de aula, mesmo existindo a necessidade de abordar tal questão.

Conforme o sujeito C, afirmou que nas aulas não realizavam atividades, por motivo que suas aulas eram apenas expositivas. Diante disso, é sabido que as aulas expositivas são precisas, mas é fundamental serem dinamizadas, para favorecimento da aprendizagem dos alunos e para tornar a aula mais agradável para o ensino.

A 10ª questão, referia-se a contribuição que os professores têm realizados em suas práticas para a realização do trabalho com tema transversal.

Todos obtiveram as mesmas idéias, responderam que sempre que podem, abordam assuntos sobre sexualidade de acordo com a curiosidade e dúvida dos alunos. Dessa forma, alguns professores foram contraditórios em suas resposta, quando afirmaram que não trabalhavam com nenhuma atividade, e depois afirmaram que sempre que podem abordam o tema em suas práticas.

Diante das respostas dos professores, os mesmos deverão estudar, tomando conhecimentos sobre tais assuntos que envolvem o tema, devido ser um tema complexo, que está diretamente ligado à realidade das pessoas, em que muitos professores estão leigos de como trabalhar com Orientação Sexual em sala de aula.

3.3 - ANÁLISE DO ESTÁGIO

VIVENCIANDO TRABALHOS COM ORIENTAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA

A análise referida teve como foco principal, refletir sobre as experiências ocorridas com o trabalho de Orientação Sexual, que foi desenvolvida na 4ª série do Ensino Fundamental, turno manhã, na escola ao qual foi desenvolvida a pesquisa. De tal modo, que as idéias trabalhadas em sala de aula, foram subsidiadas por teorias que deram base para compreensão e sentido as atividades desenvolvidas ao longo do estágio.

Dessa forma, entendemos a importância da articulação entre teoria-prática, no qual ambas interligam, e norteiam a sistematização do processo ensino-aprendizagem. Segundo Veiga:

“O papel de síntese entre teoria (ideário pedagógico) e a prática (fazer pedagógico) assegura a interdependência entre as finalidades e objetivos da educação e do ensino; descreve e explica as relações entre ensino e aprendizagem, ensino e pesquisa, conteúdo e forma, professor e aluno.” (1993, p. 80)

É nesse sentido da teoria dar subsídios à prática, que podemos descrever as análises realizadas durante o estágio, bem como as investigações, questionamentos, reflexões, acerca das experiências enfatizadas em sala de aula, com o tema desenvolvido.

O trabalho foi realizado numa sala de 35 a 40 alunos, na faixa etária de 7 a 14 anos de idade, sendo uma sala mista, incluindo crianças, pré-adolescentes e adolescentes. As atividades estavam voltadas ao tema, na expectativa de saber qual seria a reação dos alunos, e como tal questão estava implícito em suas vidas, principalmente mostrando a estes a relação do tema em seus processos vitais, enquanto seres sexuados.

No primeiro dia de aula do estágio, iniciamos as atividades com a dinâmica da flor, objetivando a integração e a conquista da turma. Os alunos ficaram em círculo para a concretização da dinâmica. A técnica para apresentação era uma flor, que ia passando de mão em mão, no qual os alunos iam se apresentando, dizendo o nome, onde morava, o que mais gostava de fazer, e dizer qual a profissão que queria ser no futuro. A princípio os

alunos ficaram inibidos, sem querer se apresentar, logo após foram ficando mais a vontade e aceitando a participar e a interagir com toda a turma.

No segundo dia de aula, iniciamos os conteúdos relacionados ao tema sexualidade. O primeiro conteúdo estava relacionado ao corpo humano, já que o corpo é entendido como a referência da sexualidade.

A princípio foi feita uma breve discussão das partes do corpo: cabeça, tronco e membros, entre outros. Depois discutimos a importância da saúde do corpo humano, em que logo em seguida, foi apresentado no retro projetor dicas de como manter uma boa saúde, apresentando também, hábitos que prejudicam a saúde humana. Nos PCN's (2001, p. 141) afirma que: "O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas mas também preventivas."

As idéias enfatizadas mostravam maneiras de como manter uma boa saúde, sendo as seguintes: Respirar ar puro; tomar banhos solares nas horas precisas; evitar beber bebidas que contém ácido; fazer exercícios físicos; ter uma boa dieta alimentar; tomar água diariamente; ter uma boa higiene pessoal, dormir por volta de 8 horas, ter tempo para descansar; não trabalhar excessivamente; evitar preocupações constantes.

A discussão propiciou interação com a turma, em que os alunos iam colocando seus conhecimentos prévios, enriquecendo mais a aula. Tinha tópicos que chamavam mais atenção dos alunos como: o que comer para ter uma boa saúde, a importância de respirar ar puro e tomar muito líquido, entre outros. É entendido, que os tópicos que causaram curiosidade e participação dos alunos estavam relativos aos que eles já viveram, aprenderam, ouviram, mostrando interesse de debater as questões apresentadas durante a aula.

No terceiro dia de estágio, realizamos a reunião dos pais, no dia 07 de novembro de 2.007 às 9:00 hrs da manhã, tendo como objetivo, esclarecer aos pais como iria ser efetivado as aulas de Orientação Sexual.

Na reunião, explicamos aos pais que o tema Orientação Sexual é um tema transversal idealizado pelo MEC, abordando também, a importância desse trabalho ser introduzido nos currículos escolares. De tal forma, foi esclarecido que os alunos recebem diariamente conhecimentos informais (relacionado à sexualidade), transmitindo pela mídia, por conversas dos colegas, entre outros, e que devido essas influências, seria necessário esse tipo de linha de estudo na escola.

Explicamos o porquê do estágio está relacionado ao respectivo tema, evidenciando que era um trabalho científico, que ia ser desenvolvido a aula prática na sala de aula aos quais seus filhos estudavam. Conforme Suplicy (2000, p. 37) “... cabe a eles autorizar seus filhos a participar desse trabalho.”

Esclarecemos para os pais, que o trabalho com Orientação Sexual envolvia temáticas como: a saúde do corpo; relação de gênero (ser menina/menino), envolvendo brincadeiras, comportamentos, maneiras de se vestir, entre outros; o ser homem e ser mulher em sociedade; período da puberdade, adolescência e reprodução humana.

Informamos aos pais que as aulas iam ser divididas com a professora titular, em que no primeiro momento iam ser desenvolvidas as aulas de Orientação Sexual, a em seguida iria dar continuidade a outros conteúdos programados pela professora da turma.

Os pais apoiaram tal trabalho, no qual foi de grande significância para a concretização das atividades a serem concretizadas em sala de aula, dando mais firmeza e confiança nos trabalhos a serem desenvolvidos no decorrer do estágio.

No quarto dia das aulas práticas, fizemos uma atividade para conhecer os nomes científicos dos órgãos sexuais masculinos e femininos. A turma foi dividida em quatro grupos: 2 meninos e 2 meninas. Distribuimos a cada equipe papel madeira, para efetivação do trabalho.

Para a realização da atividade, pedimos que cada grupo escolhessem um integrante, para que desenhassem o corpo, e em seguida colocassem o nome das partes que constituía o desenho.

Explicamos a turma que era necessário colocar o órgão sexual para definir o sexo do corpo. Foi perceptível que no decorrer da atividade, havia risos, piadas, e inibições no ato do desenho, principalmente quando estavam desenhando os órgãos sexuais masculinos e femininos.

A atividade planejada, tinha como objetivo não só de ensinar os nomes científicos dos órgãos sexuais, mas também fazer com que os alunos adotassem em suas práticas o exercício de utilizá-los, principalmente nas outras aulas de Orientação Sexual que iriam ser realizado, como também, perceber os comportamentos dos alunos diante da atividade, principalmente no desenho dos órgãos sexuais.

No quinto dia de aula no estágio, para complementar a aula anterior (conhecer os nomes científicos dos órgãos sexuais), foi feito em sala de aula uma atividade escrita, que caracterizava as partes do corpo humano nu, a partir da seguinte tela: o nascimento de Vênus, pintada por Sandro Botticelli, e a escultura de Davi feito por Michelangelo.

Explicamos aos alunos como ia proceder a atividade. A partir da representação da tela e da escultura presente na atividade, os mesmos iriam responder as 3 atividades correspondentes.

A 1ª questão pedia para distinguir as diferenças fundamentais entre o corpo do homem e da mulher presente nas obras de arte. A 2ª questão, estava relacionada à distinção do sexo do ser menina e do ser menino ao nascer, enfatizando as características biológicas de ambos os sexos. A 3ª questão, pedia para descrever as diferenças físicas da região do corpo das duas obras de arte, inclusive para os alunos identificarem os aspectos sexuais presentes no corpo masculino e feminino.

Ao longo da atividade, os alunos possuíram dúvidas de como responder. Foi dado sugestões, dizendo que a distinção da tela e da escultura estava no sexo, de acordo como foi mostrado na aula anterior, mas que nas obras tinham outras características, como: na tela feminina possuía aspectos meigo, sensível, sensual entre outros, e na escultura masculina, retratava um homem musculoso, forte, de aparência séria e durona. Após a explicação, os educandos tiveram resultados significativos, concluindo o trabalho pedido.

Os alunos ficaram impressionados com a atividade, no qual foi visto que uns possuíam reações de espanto ao responder, visto que os mesmo acharam o exercício como diferente aos trabalhos que eram propostos em sala de aula pela professora titular.

No término da atividade realizada, fizemos observações no ambiente escolar e nos comportamentos dos alunos, investigando aspectos sobre a sexualidade.

Foi perceptível que os alunos estavam na fase do namorar, ficavam tirando brincadeira com os (as) colegas, soltando piadas, fazendo declarações de amor, entre outros. Esses comportamentos foram freqüentes principalmente na hora do intervalo, como também registrados em paredes, cadernos, carteiras, birô do professor (a), onde declaravam seus sentimentos as pessoas que sentiam admiração e afeto.

Na escola também era muito freqüente perceber nas paredes, carteiras e birô, órgãos sexuais (masculino/feminino) desenhado, principalmente nas portas e paredes dos banheiros masculinos, em que os meninos demonstravam suas ansiedades mais do que as meninas, através das representações explícitas dos desenhos.

No sexto dia consecutivo, foram trabalhados em sala de aula, relação de gêneros envolvendo o ser menino e o ser menina. Explicamos aos alunos que o ser menina e ser menino não estavam característicos apenas nos órgãos biológicos. Que a cultura e o tratamento tidos para menina e menino, também influenciava nesses aspectos.

Foram confeccionadas fichas contendo tratamentos relativos para menina e menino. As fichas de cor rosa referiam-se aos tratamentos para as meninas, e as fichas de cor azul os tratamentos dos meninos, já que as referidas cores identificam particularidades dos sexos.

As fichas iam sendo colocadas no quadro para os alunos visualizarem melhor. Logo em seguida, perguntamos aos alunos quem ensinava esses tratamentos que distinguia ambos os sexos. Ninguém soube responder. Explicamos que essa idéia era criada pelas pessoas que vivem em sociedade, e apenas reforçamos em casa, na escola, na rua, e em outros lugares, e que essa idéia muitas vezes era demonstrada na desigualdade entre homens e mulheres, como o próprio machismo que prevalece nos comportamentos das pessoas. Para Egypto e Egypto (2000, p.50) “Apesar da constatação de que novos padrões de comportamento para

homens e mulheres já começam a ser ensaiados, sobretudo nas gerações mais jovens, a educação de meninos e meninas continua buscando perpetuar os velhos padrões.”

Logo a discussão, dividimos a turma em dois grupos de meninas e dois grupos de meninos, e entregamos cartolinas para cada grupo. Pedimos que na cartolina os alunos conceituassem o que é ser menina e o que é ser menino, indicando pontos positivos e negativos. A aula foi muito significativa, em que os alunos apresentaram suas idéias. As quatro equipes (meninos/meninas) mostraram suas atividades para toda a turma, mostrando empolgação e “espírito” de competitividade entre meninas e meninos.

Observamos que é comum ver nos comportamentos dos meninos reação de superioridade relacionada às meninas, através de brincadeiras, comportamentos, falas, etc. Na aula, os meninos queriam mostrar que eram melhores do que as meninas, só que as meninas não deixaram, defenderam seus ideais.

No sétimo dia em sala de aula, para dar continuidade à discussão sobre relação de gênero, trabalhamos com brincadeiras que são habitualmente características de menino e menina.

Primeiro dividimos o quadro em duas partes: um lado eram as brincadeiras referentes das meninas, e no outro, as brincadeiras referente dos meninos. Pedimos que os alunos fossem citando as brincadeiras de costume que as meninas brincavam. Foram citadas: bonecas, brincar de maquiagem, manicura, escolinha, casinha, danças, entre outros. Depois foram citadas as brincadeiras dos meninos, que envolviam as seguintes: jogar bola, brincar de carrinhos, vídeo-game, esconde-esconde, amarelinha, etc. Podemos compreender que as brincadeiras são divididas de acordo com os sexos das crianças, brincadeiras relativas ao sexo feminino, e brincadeiras do sexo masculino. Para Egypto e Egypto (2000), tanto a menina e menino nascem com componentes genéticos, que no desenvolver, sofrem no convívio com a sociedade.

No decorrer da discussão, entendemos que os meninos foram mais preconceituosos do que as meninas, os mesmo afirmaram que os meninos quando brincavam de boneca, podia-se tornar um gay ou ser chamado de “menininha”. Já as meninas, depreendemos que elas não discriminavam meninas que brincavam com brincadeiras de menino, ou vice-versa, ou ambos participando da brincadeira juntos.

Logo após, pedimos para os alunos citassem brincadeiras que meninos e meninas participam juntos. Foram citadas tais brincadeiras: cai no poço, brincadeira do cartão, galinho do amor. Dessa forma, é notório que todas as brincadeiras citadas pelos alunos, estão relacionadas ao namoro, que envolve o beijo no rosto, o aperto de mão, o abraços, o “ficar” com a pessoa que gosta.

Os alunos se encontravam nessa fase do namorar, paquerar, mandar recadinhos para os colegas, principalmente aqueles que estavam iniciando a fase da puberdade. Os mesmos ficavam empolgados quando falavam em namoro, ocorrendo risadas e fuxicos.

Após a discussão, foi realizada uma atividade que envolvia três questões referentes à aula ocorrida. A maioria dos alunos responderam de forma clara, outros colocaram respostas curtas, sem sentido e às vezes repetidas, mas mesmo assim, participaram, enfatizando suas idéias.

No oitavo dia de estágio, a aula tinha como idéia principal de discutir O que é ser homem e o que é ser mulher em sociedade?. O texto enfocava uma breve história dos papéis passados do homem e da mulher, incluindo os papéis atuais da vida moderna.

No texto discutido, as idéias serviam para mostrar que o homem em tempos passados provinha o espaço fora de casa, do trabalho, e a mulher do espaço de cuidar da casa e dos filhos. Nessa perspectiva, cabia abrir uma discussão em sala de aula e mostrar que o papel tanto do homem, como da mulher não era mais como antigamente.

Em seguida, dissemos aos alunos que a mulher também conquistou seu lugar na sociedade, conseguindo ter mais liberdade de expor suas opiniões, ter o direito de possuir um trabalho digno, assim como o homem conquistou o seu espaço nas atividades domésticas. A discussão possibilitou reflexões nos alunos. Alguns colocaram suas idéias, expondo seus conhecimentos intuitivos. Teve um aluno que retratou seu ponto de vista, que chamou atenção para a discussão em sala de aula. O mesmo evidenciou que seu avô dizia que “a mulher só servia para cuidar da casa e dos filhos.”

Após a afirmação do aluno, explicamos que cada pessoa tinha sua cultura, sua opinião, que talvez o avô dele pensasse daquela forma porque foi criado num ambiente onde a mulher só fazia serviços domésticos, cuidando da casa, dos filhos e do marido, e que a própria idade já evidenciava uma educação diferenciada, dos dias atuais.

Depois da explicação, pedimos que alunos dissessem profissões que a mulher conquistou nos tempos modernos, foram citadas as seguintes: policial, juíza de futebol, motorista de caminhão, guarda de trânsito, cargos políticos, etc.

Invertemos a pergunta. Perguntamos quais eram as profissões que o homem exercia atualmente na sociedade, e que antes não podia. Eles ressaltaram: cabeleireiro, cozinheiro, costureiro, professor de dança, consultor de modas, manicuro e pedicuro.

Logo em seguida, foi feito com os alunos uma produção de texto, no qual enfocava as idéias abordadas durante a aula. Esse exercício tinha com avaliar o desempenho da turma a partir dos textos que foram desenvolvidos, com a finalidade de perceber se houve aprendizagem significativa.

No nono dia de trabalho em sala de aula, tivemos a necessidade de discutir homossexualismo, já que os alunos tiravam brincadeira com os colegas chamando-os de gay.

A princípio, perguntamos se os alunos sabiam o que é ser homossexual e heterossexual. Os educandos não souberam responder. Depois pedimos que os alunos abrissem o dicionário e procurassem o significado das palavras.

Cada um no seu caderno colocou o significado e explicou para a turma. Houve a explicação do que seria ser homossexual e heterossexual. Logo a explicação dos alunos, ressaltamos que ser homossexual não é pecado mais sim uma atração que a pessoa sente por outra pessoa do mesmo sexo, e cada pessoa deveria respeitar um ao outro, independente da atração sexual. Para complementar Suplicy (2000, p. 73) afirma: “O homossexual não pode ser culpado por sua atração pelo mesmo sexo e é no mínimo injusto reprová-lo por esse fato.”

A partir daquela aula, foi esclarecido que ninguém mais iria chamar o colega de gay e nem outros termos relacionados ao homossexualismo, por que isso era uma coisa muito séria.

No décimo dia de aula, foi realizada a discussão dos pontos que enfatizavam as vantagens e as desvantagens de ser homem e ser mulher.

Foram confeccionados dois cartazes, para abordagem das idéias. Primeiro foi apresentado às vantagens de ser mulher, contendo os seguintes pontos: pode ter filho e conviver com eles; proteção por parte dos homens e da sociedade; pode expressar suas emoções com liberdade; amadurece mais cedo do que o homem, etc. Depois foram retratadas as desvantagens de ser mulher, nas devidas idéias: menstruação; dor no parto; educação mais repressiva do que o homem; ter de conciliar o trabalho doméstico com o de casa, desigualdade no trabalho, dentre outros.

Já os pontos de vantagens do homem seriam: maior independência e liberdade do que a mulher; a maioria não responde pelos trabalhos domésticos; não precisa cuidar tanto da aparência; tem status profissionais mais do que a mulher, maior facilidade de empregos e melhores salários, etc. Em seguida, foram apresentadas e discutidas as desvantagens de ser homem, nas seguintes idéias: ser o esteuo da família; não participa igualmente da educação dos filhos; reprimi os sentimentos; não tem o prazer de engravidar, etc.

Após a apresentação e discussão de cada tópico, foi realizada uma atividade, no qual os alunos a partir dos seus entendimentos enfatizaram as vantagens e desvantagens de ser homem e ser mulher. Tal atividade serviria para reforçar as idéias que foram explicadas, para melhor compreender o entendimento dos alunos.

No exercício trabalhado, percebemos que os educandos não evidenciaram apenas os pontos que foram discutidos em sala de aula. Eles colocaram outros pontos que indicassem vantagens e desvantagens, de ser homem e ser mulher, expondo seus conhecimentos prévios e entendimentos.

No décimo primeiro dia de estágio, trabalhamos em sala de aula sobre a puberdade, discutindo as transformações do corpo, enquanto período de transição entre o ser criança e o

ser adolescente. O texto utilizado foi: Puberdade: Da lagarta à borboleta, no qual proporcionou idéias para serem discutidas em sala de aula.

Introduzimos a aula enfatizando aos alunos que a puberdade varia para cada pessoa. Algumas começam mais cedo do que outras, em que o final desse período é comum acontecer tanto para as meninas como para os meninos por volta dos 18 anos.

Ao longo da discussão, foram mostradas as grandes transformações do corpo nesse período. Enfocando que essas transformações eram causadas devido à ação dos hormônios, havendo assim, o crescimento acelerado (mãos, pés, troncos, etc) das partes do corpo, o aparecimento de espinhas, suor forte devido a glândulas sudoríparas, mudança da voz, aparecimento de pêlos, inclusive nos genitais, crescimento dos mamilos.

Foi explicado que é no período de transformação do corpo que as meninas e meninos têm vergonha de se expor às pessoas, muitas vezes por acharem feios devido às mudanças do corpo. E nesse caso, evidenciamos que cada pessoa não deveria ter vergonha das transformações ocorridas, que isso era natural e que cada um deveria valorizar o seu corpo. De acordo com Mazín:

Se as pessoas tivessem um conhecimento racional e objetivo do seu próprio corpo e das suas funções, talvez gostassem dele como é, cuidassem dele também de uma forma racional e passassem a vivenciar a própria sexualidade e a dos outros de uma forma natural e positiva.” (2000, p. 24)

A aula proporcionou entusiasmo na turma, devido os alunos estarem nessa fase, fazendo questionamentos, tirando suas dúvidas os quais possuíam. Sendo assim, podemos perceber que a interação da turma foi contínua, por motivo que nessa fase os jovens se sentem inseguros e duvidosos diante das transformações que estariam ou que iriam acontecer em seus corpos.

Depois foram abordadas as últimas características que acontecem durante a puberdade, que é o amadurecimento dos órgãos sexuais, abordando as seguintes idéias: as meninas a pele do genital fica mais escuro, e ocorre o aparecimento de secreção na calcinha e os pêlos pubianos, já nos meninos, o amadurecimento do pênis se desenvolve numa seqüência: aumento da bolsa escrotal, dos testículos e o desenvolvimento do diâmetro do pênis.

Na discussão também esclarecemos que é nesse período que os meninos começam a produzir espermatozóide e nas meninas ocorrem à primeira menstruação, sendo capaz de haver a reprodução humana.

Retratando sobre os órgãos sexuais, foram apresentadas figuras para tornar a aula mais interessante, e no ato da apresentação, alguns alunos ficaram inibidos, sem querer olhar por achar “feio” ou interpretar como “aquilo que não se podia conhecer.”

Observamos que as meninas possuíam dúvidas sobre a menstruação, como acontecia, por que acontecia, o que significava menstruação, ocorrendo outros questionamentos. E os meninos perguntaram sobre a produção dos espermatozóides, e como ocasionava essa produção no período da puberdade. Vale ressaltar que os meninos apresentaram mais inibição do que as meninas, fazendo menos perguntas.

Logo depois, os alunos fizeram perguntas que enfocava o conteúdo que foi estudado. Os questionamentos foram respondidos, tirando as dúvidas presentes durante a aula. É evidente que os alunos sentem necessidade de possuir informações sobre as transformações em seus corpos, já que não possuem essas informações.

A aula ocasionou curiosidade nos alunos, através das perguntas levantadas, outros ficavam calados sem questionar, só prestando atenção. As inibições ainda deixaram muitos alunos a ficarem com dúvidas, sem coragem de perguntar e discutir.

No décimo segundo dia, para reforçar o assunto sobre puberdade, foi entregue aos alunos um questionário contendo perguntas de assinalar. As questões eram de rápido raciocínio, incluindo assinalar apenas respostas certas e erradas.

A atividade possuía 14 questões. A realização da atividade foi em dupla, para que houvesse um trabalho coletivo entre os colegas, havendo socialização das opiniões e conhecimentos.

Após o término da atividade, foi feito à correção. Foi analisado que a maioria da turma teve bom rendimento, no qual os alunos iam respondendo de acordo com o que ia perguntando. A turma mostrou interesse no exercício, a partir da participação de cada aluno.

No décimo terceiro dia do estágio, entregamos uma caixa para que os alunos colocassem perguntas que queriam fazer, com relação ao tema puberdade. A professora titular participou nas questões a serem respondidas, complementando com suas idéias.

A maioria das perguntas foi sobre a menstruação, percebendo que as meninas tinham dúvidas sobre esse assunto. As perguntas foram: A mulher menstrua até quantos anos?; Têm mulher que não menstrua?; A mulher quando está perto de menstruar, é normal ter cólica e vômito?; A menstruação vindo de outra cor é normal?; Por que a mulher quando menstrua tem medo de engravidar?; Além da menstruação, é normal ter escurimento?; A mulher pode passar cinco meses sem menstruar?.

De acordo com as dúvidas das meninas, todas as respostas foram respondidas. Apesar de já ter discutido sobre menstruação em sala de aula, as meninas sentiam muita dúvidas devido estarem iniciando esse período. Diante do comportamento das alunas, podemos compreender que elas estavam levando a sério as aulas de Orientação Sexual, sendo o momento de conhecimento e troca de idéias.

Os alunos apresentaram outras perguntas, como: Por que a mulher tem filhos e o homem não tem?; Por que todas as mulheres têm que fazer sexo para ter filhos?; Como a mulher e o homem colocam a camisinha nos genitais?; Se o homem quando usa a camisinha pode engravidar uma mulher?; Com quantos anos o homem ejacula pela primeira vez?.

As perguntas foram respondidas. Conversamos com os alunos afirmando que iríamos levar uma enfermeira para melhores esclarecimentos. E que a profissional da saúde iria discutir sobre reprodução humana.

No décimo quarto dia de estágio, como discussão consecutiva sobre puberdade, discutimos o texto: Adolescência: feliz idade, objetivando abordar o tema adolescência para os alunos.

Apresentamos todo o texto, enfatizando aspectos principais do período da adolescência, enfocando as transformações do corpo e das características psíquicas.

Debatemos outros pontos relevantes que aconteciam nessa fase, como: namoro, paquera, atração pelo outro, aborrecimento, rebeldia, fase de dúvidas e incertezas, momentos de “curti a vida”, fazer escolhas próprias, vontade de ser independente, período de grandes experiências para se tornar maduros, entre outros. Conforme Suplicy (2000), o adolescente às vezes se sente adulto ou criança, no meio das mudanças emocionais e corporais ele vai construindo sua identidade.

Depois da discussão, foi realizada uma atividade que incluía pontos que caracterizavam ser criança e ser adolescente. Colocamos 2 cartolinas no quadro, em que um lado era o que é ser criança e o outro o que é ser adolescente.

Entregamos aos alunos fichas que estavam escritos ações, sentimentos, pensamentos, brincadeiras que enfatizavam na fase de criança e de adolescente. Os alunos iam sendo chamados para colocar as fichas no local que achava mais correto. Ao longo da atividade fomos discutindo, perguntando, fazendo a aula ficar mais dinâmica, para saber o entendimento dos alunos com relação ao assunto.

No décimo quinto dia de aula, convidamos uma Técnica em Enfermagem para dar uma palestra sobre reprodução humana. Para abrir a discussão a respeito do processo da reprodução humana, foi passado o filme: A atração vital. Em seguida, pedimos para os alunos que fossem destacando os pontos que mais chamassem atenção, levantando dúvidas e questionamentos, ao longo do filme.

O filme retratava desde a apresentação dos órgãos sexuais masculinos e femininos, incluindo a discussão de todo o processo de como ocorre à reprodução humana, como também a discussão sobre atração entre as pessoas (homem/mulher), formas de relacionar; as transformações que ocorre tanto no corpo do homem e da mulher.

Os alunos ficaram atentos para cada detalhe do filme, não havendo conversa. No final da apresentação do filme, a Técnica em Enfermagem perguntou se os alunos tinham alguma pergunta a fazer. No início os educandos ficaram inibidos, depois foram fazendo perguntas de acordo com suas curiosidades e dúvidas.

As devidas perguntas foram as seguintes: Por que o homem ejacula?; Por que as pessoas sentem atração?; De que forma o homem produzir espermatozóide?; Se é normal a menina ter cólicas fortes durante o período menstrual?; Para onde vão os espermatozoides não fecundados?; O que significa AIDS?; Como a mulher engravida; Quantas vezes a mulher pode ter relação sexual por dia?; O que é ereção?; Quantos dias a mulher passa de um mês para outro para menstruar?. Como o homem e a mulher se gostam, tem que transar?

Após as perguntas serem respondidas, a Técnica em Enfermagem fez uma demonstração de como utilizar uma camisinha masculina/feminina, vista como único contraceptivo que previne não só a gravidez, mas também doenças sexualmente transmissíveis.

Os alunos gostaram da discussão, mostrando interesse de saber, a partir de seus depoimentos, dizendo que aprenderam coisas interessantes, que antes não sabiam.

Diante dessas vivências ocorridas durante o estágio, é notório que o tema em si é de grande significância para os trabalhos pedagógicos da escola, bem como a aprendizagem dos alunos, que necessitam conhecer informações inerentes em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade tem grande significância no desenvolvimento psicológico das pessoas, sendo uma necessidade do ser humano. Conceituar sexualidade é reconhecer a sua importância no desenvolvimento e na formação humana, bem como a sua implicância na História, Cultura e Ciências.

Relacionar o tema sexualidade ao sistema educacional é abrir caminhos de observação, reflexão e conhecimento, pesquisando para saber do que trata o tema e a sua interligação na vida dos educandos.

Nessa perspectiva, a sexualidade nem sempre teve espaço para discussões na escola, desde os tempos passados, marcados pelas épocas repressivas. No entanto, as instituições educacionais, sabem da necessidade de trabalhar com Orientação Sexual, mas a falta de conhecimentos deixa a desejar, e muitos professores e gestores quando não possuem conhecimentos, têm atitudes preconceituosas e conservadoras.

É relevante destacar, que ministrar atividades com Orientação Sexual é posicionar-se criativo e consciente, procurando auxiliar o aluno a descobrir e a desenvolver suas próprias capacidades, facilitando seus potenciais, enquanto ser sexual e social. Neste sentido, o trabalho tem que socializar saberes característicos sobre o tema sexualidade, abrindo espaço para questionamentos e reflexão dos alunos, proporcionando um ambiente favorável para aprendizagem.

Consideramos-se que Orientação Sexual na escola, tem que fomentar na consciência dos alunos atitudes e valores, bem como, capacitá-los para o caminho da autonomia e da felicidade, contribuindo para a evolução da criança e do jovem, que possam vencer seus caminhos difíceis e conflituosos presentes em seus processos complexos, garantido através da informação e conhecimento, elementos fundamentais para formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades pessoais e socioculturais.

Enquanto experiência pessoal, o estágio possibilitou uma melhor compreensão de como a sexualidade se encontra cotidianamente no ambiente escolar, de forma nítida, freqüente, na

relação entre alunos, professores e funcionários da escola. As vivências na escola e na sala de aula, possibilitaram caminhos favoráveis para reflexão, observação e resultados positivos a respeito do tema transversal, mostrando que é possível desenvolver atividades sobre a sexualidade no contexto educacional.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Gehysa Guimarães e CORTINOVI, Tânia M. . A sala de aula como espaço potencializador do ser saudável. In: MEYER, Dagmar E. Estermann, (org.). **Saúde e Sexualidade na escola.**-Porto Alegre: Mediação, 1998.

ANDRADE, Rosimeire Costa de; LOIOLA, Francisco das Chagas e LUSTOSA, Francisca Geny. In: VASCONCELOS, José Gerardo(org.) et. al.. **Ditos(mau)ditos.** Fortaleza: LCR, 2001.

ARAÚJO, Cláudia Valéria Furtado de Oliveira. Segregação, Confinamento e Silêncio na História da Construção da loucura denunciada por Foucault. In: VASCONCELOS, José Gerardo(org.) et. al.. **Ditos(mau)ditos.** Fortaleza: LCR, 2001.

ARIÈS, Philipp. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos S. A . 1981.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologia: Uma introdução do estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. - 3. ed.- Brasília, 2001.

COSTA, Nejme Nogueira. Poder e saber e Foucault: uma reflexão sobre essa relação dentro dos assentamentos rurais. In: VASCONCELOS, José Gerardo(org.) et. al.. **Ditos(mau)ditos.** Fortaleza: LCR, 2001.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes.** - Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante** - São Paulo: Cortez, 2003.

EGYPTO, Antonio Carlos e EGYPTO, Marga Moura. Papéis Sexuais. In: BARROSO, Carmem e BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola**- 7. ed.- São Paulo: Cortez, 2000.- (Biblioteca da Educação-Série 1- Escola- vol. 13.).

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar E. Estermann, (org.). **Saúde e Sexualidade na escola**.-Porto Alegre: Mediação, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 7º edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**.-Campinas-SP: Mercado de letras, 1995. - (Coleção Dimensões da Sexualidade).

JUNIOR, Antônio Germano Magalhães. Seja bonzinho porque se não Deus castiga: o disciplinamento nas escolas. In: VASCONCELOS, José Gerardo (org.) et. al.. **Ditos(mau)ditos**. Fortaleza: LCR, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann, (org.). **Saúde e Sexualidade na escola**.-Porto Alegre: Mediação, 1998.

MANZÍN, Rafael. Anatomia e fisiologia sexual humana. In: BARROSO, Carmem e BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em sua casa e na escola**- 7. ed.- São Paulo: Cortez, 2000.- (Biblioteca da Educação-Série 1- Escola- vol. 13.).

MARTINEZ, Maria Isabel Perez. Como tudo começou e a concretização do projeto. In: EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante** - São Paulo: Cortez, 2003.

MEIRE, Luis B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. -João Pessoa: Autor Associado, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NUNES, César e SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas(SP): Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Dora Lúcia. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico?. In: MEYER, Dagmar E. Estermann, (org.). **Saúde e Sexualidade na escola.** - Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINTO, Ênio Brito, **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade.**- São Paulo: Editora Gente, 1999.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio, (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.**-São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, Marta (org). et. al. **Sexo se aprende na escola.**- São Paulo: Olho d'água, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A construção da didática numa perspectiva histórico-crítica de educação estudo introdutório. In: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales (org.). **Didática: Ruptura, compromisso e pesquisa** – Campinas, SP, Papyrus, 1993. - (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Caro professor (a),

Solicitamos que responda o questionário que segue. O mesmo faz parte de um estudo sobre Sexualidade na escola, que é um trabalho monográfico, denominado como requisito indispensável para a disciplina de Estágio em docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande.

Ressaltamos que suas respostas servirão apenas para fins acadêmicos e serão mantidas em absoluto sigilo. Esperamos contar com a sua colaboração.

**Atenciosamente,
Lorena Soares**

Formação: _____

Série que leciona: _____

Tempo que atua como professor: _____

- 1) O que você entende por Orientação Sexual?

- 2) Na sua formação, você teve uma orientação acessível para realização desse trabalho em sala de aula? Justifique sua resposta

- 3) De acordo com o tema sexualidade, você encontra dificuldade de trabalhar em sala de aula? Por quê?

- 4) A escola ao qual trabalha, tem mostrado perspectivas de trabalhos a serem realizados com Orientação Sexual? Justifique sua resposta.

- 5) Em que momento a Orientação Sexual é trabalhada em sala de aula:
 nunca
 uma vez por semana
 uma vez ao mês
 somente nos conteúdos de Ciências ou Biologia
 apenas quando os alunos questionam sobre o assunto

- 6) Em sua opinião, o que impede a realização de um trabalho com o tema sexualidade:
 falta de recursos didáticos na escola

- a falta de formação docente
- a não participação da família
- falta de envolvimento dos gestores
- todas as alternativas
- nenhuma das alternativas

7) Você percebe que seus alunos têm vontade de discutir sobre algo que envolva a sexualidade:

- sempre
- nunca
- é percebido principalmente a partir de conversas, brincadeiras, comportamentos dos alunos
- estão sempre empolgados para saber sobre, mas nunca perguntam
- nenhuma das alternativas

8) Os pais dos alunos mostram interesse com o trabalho de Orientação Sexual na escola:

- nunca estão interessados
- sempre mostram interesse
- de vez em quando tem interesse sobre o assunto
- apenas quando percebem a necessidade do assunto ser trabalhado com seus filhos
- o preconceito ainda contribui para a falta de interesse sobre assunto

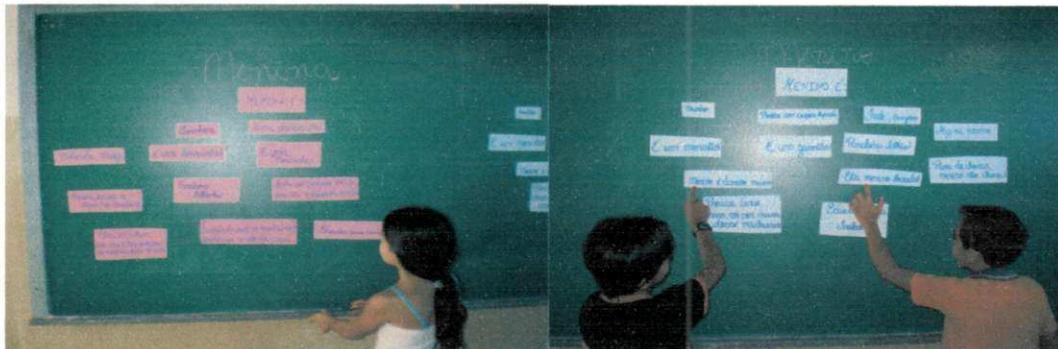
9) Quais as atividades que você trabalha Orientação Sexual com seus alunos em sala de aula:

- atividade que envolve discussão entre os alunos
- atividade com pesquisas, apresentação de trabalho em sala de aula pelos alunos
- atividades dinâmicas, com jogos, músicas, vídeos, materiais que enriquece o trabalho em sala de aula
- nenhuma atividade, devido o trabalho com Orientação Sexual ser realizada apenas por aulas expositivas
- nenhuma atividade, por que não há trabalho com Orientação Sexual em sala de aula
- apenas as três primeiras alternativas

10) De que forma você tem contribuído para possibilitar a realização da abordagem do tema sexualidade:

- não tenho contribuído para a realização do trabalho, por que não é meu papel enquanto professora
- sempre que posso, discuto com os alunos a partir de suas dúvidas e curiosidades
- tenho contribuído com projetos para a realização desse trabalho ser efetivado na escola
- desenvolvo atividades para os alunos em sala de aula, como objetivo de possibilitar uma discussão acerca do tema
- não tenho contribuído, por que não sei lidar com trabalhos que envolva sexualidade

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDA COM OS ALUNOS



Participação dos alunos na aula



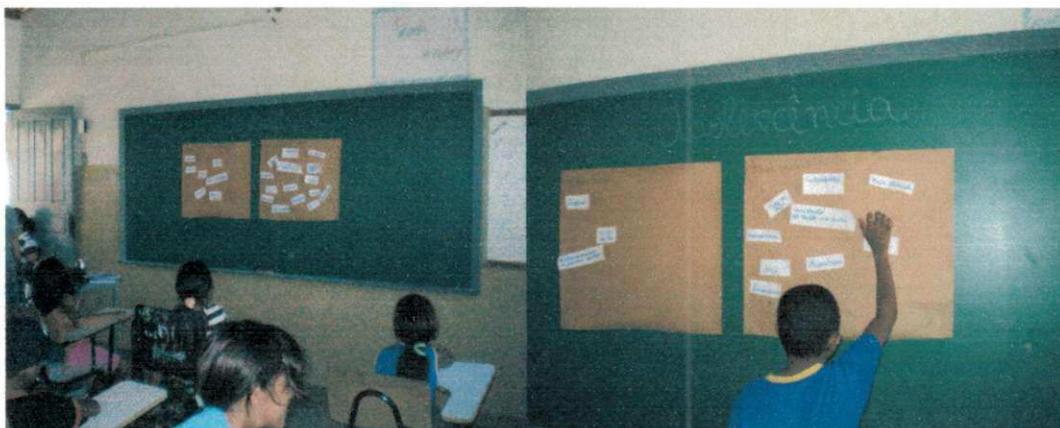
Atividades em equipe



Apresentação dos trabalhos



Discussão e reflexão dos conteúdos abordados



Representação dos conhecimentos dos alunos



Aula na sala de vídeo

**4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL DE
ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL CECÍLIA ESTOLANO
MEIRELES**

